

APRESENTAÇÃO

Quanto menos um homem conhece a respeito do passado e do presente, mais inseguro terá de mostrar-se seu juízo sobre o futuro.

Sigmund Freud, O futuro de uma ilusão

Seguindo os passos da afirmação freudiana em epígrafe, este trabalho coletivo retoma conceitos e temas caros aos psicanalistas. Num encontro entre o que já se disse sobre a realidade e o que se pode dizer de novo, a proposta aqui apresentada é pensar futuros possíveis para a psicanálise: desdobramentos clínicos, constructos teóricos permanentemente abertos à revisão, meios de formação, aproximações com as artes, o direito e, para que nunca nos falte... o amor.

Futuro da civilização, futuro de uma ilusão, Freud inicia seu texto secular, escrito em 1927, pelas condições que instauram a civilização, impedindo a satisfação plena e tornando os homens filhos da frustração, civilizados pela proibição e herdeiros da privação. Condições, portanto, que se fazem saber pelo fato de que “os desejos pulsionais, que sob elas padecem, nascem de novo com cada criança” (Freud, 1927: 21).

A cada nova geração, antigos e novos impedimentos são repostos e postos para que se faça barreira à pulsão cega sem direção. Ou melhor, com uma única direção, a satisfação a qualquer custo, o que equivale a pagar a existência com uma libra de carne. Diante dessa cruel imposição, instaura-se uma brutal proibição social e o homem, para sobrepor-se ao que disso resulta, lança mão da ilusão pela qual tenta manter a promessa de uma satisfação plena. “A satisfação que o ideal oferece aos participantes da cultura é, portanto, de natureza narcísica; repousa em seu orgulho pelo que já foi alcançado com êxito” (: 24).

Narcisicamente, a ilusão é a reposição do que já foi alcançado, apontando mais para a repetição e a continuidade de um estado conhecido do que para o futuro em sua vertente de mudança. O futuro, ao contrário do que se mantém, encontra-se no transitório, na finitude da experiência do desejo apontando para a falta. Como adverte Freud, “o valor da transitoriedade é o valor da escassez no tempo. A limitação da possibilidade de uma fruição eleva o valor dessa fruição” (Freud, 1916: 345).

Em face desse movimento, os textos aqui reunidos dedicam-se, cada um a seu modo, a questionamentos que emanam da clínica e de vários segmentos da cultura. Trata-se, assim, de questionamentos que buscam manter a vitalidade de uma abertura teórica e técnica para o lugar do psicanalista e o estatuto da psicanálise, e cujos primeiros passos se deram na interlocução ocorrida durante o IV Encontro Nacional do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise e o II Encontro Internacional da Rede Americana de Psicanálise, realizados em Pirenópolis, Goiás, nos dias 30 e 31 de outubro, e 1º de novembro de 2014.

Em sua contribuição, Sonia Leite contrapõe o ideal, que tenta silenciar a morte, à transitoriedade, posição de constante reconstrução da existência humana. Como lembra, “a vida é completa no puro instante em que ela se revela e não num ideal qualquer a ser alcançado”. Na mesma chave de leitura entre o desejo e o ideal, o olhar e a cegueira, Altair José dos Santos mostra a importância de nos deslocarmos do ideal suposto pela perfeição narcísica para o encontro com o desejo e sua pressuposição de falta.

Na contramão desse deslocamento, os refêns de imagens do belo, do pleno e do absoluto dificilmente assimilam o diferente, termos pelos quais Márcia Smolka apresenta o refugiado como a figura de nosso século e tece a questão mais cara ao trabalho psíquico: como acolher o estranho? Trata-se de uma questão que se torna ainda mais complexa, quando o sujeito se agarra ao seu inimigo interior ou íntimo perseguidor, como sugere Alain Didier-Weill, para proteger-se da angústia, tomada como um medo radical que se apresenta diante da possibilidade de, a partir de então, o sujeito engendrar “uma nova existência”. Integra ainda essa parte do livro a contribuição de Betty Bernardo Fuks a respeito do progresso da espiritualidade (*Geistigkeit*) na psicanálise, que não apenas se refere ao “imaterial” surgido na experiência clínica, como também engloba uma reflexão acerca de cada configuração histórica, cultural e sociopolítica em que o psicanalista se encontra.

Engendrar ou criar uma nova existência é também transgredir o que está posto e propiciar uma quebra do contínuo. Em busca da herança freudiana e da continuidade lacaniana da noção de transgressão contida no erotismo e na angústia, ambos tomados como pontos de virada presentes na transmissão psicanalítica, Marcela Toledo França de Almeida convida a um retorno à obra de George Bataille. Ana Lúcia Teixeira de Carvalho, igualmente acompanhada de uma figura obscura, alcança na poesia e, sobretudo, nas cartas escritas por Augusto dos Anjos a quebra do corpo imaginário da palavra como via de interrogação da estranheza enigmática da letra. Estranheza que se faz outra vez presente no texto de Janaina Bianchi de Mattos e Ana Maria Medeiros da Costa, cujos desdobramentos, calcados no filme *O livro de cabeceira*, de Peter

Greenaway, deixam-se levar pelos campos da escrita, do corpo, da fantasia e do amor, rumo ao encontro da letra como resto do que cai para que algo se crie.

No constante movimento de recriação do humano, repetem-se tentativas de abordar o real evitando a queda. O sujeito evanescente, o corpo sujeito à gravidade, a queda da palavra e o corte são experiências que revelam a impermanência de nossa posição subjetiva, porém permitem apreender soluções inéditas de lidar com essa condição, como seguidamente testemunhado pelos artistas. Nessa direção, Elizabeth Cristina Landi aborda o que analista, no contexto de sua formação, pode aprender com o bailarino, artista da dança. De forma semelhante, outra criação artística, o livro *O príncipe com orelhas de burro*, do escritor português José Régio, serve de ponto de partida do texto de Nadiá Paulo Ferreira e Vera Maria Martins Barbosa Fragoso, no qual mostram como, pela via da metáfora, a realidade se estrutura em torno do significante do Nome-do-Pai, levando o sujeito à aquisição do dom simbólico de pertencer à espécie humana.

De volta ao campo próprio à psicanálise, sabe-se que a formação psicanalítica mantém, desde Freud, três exigências fundamentais: análise pessoal, supervisão e estudo teórico. Assim, toda referência ao que nela está em jogo implica em seus desdobramentos o papel e a relevância das instituições de formação a que os psicanalistas se associam para transmitir a psicanálise. Em seu texto, Laéria Fontenele embasa a reflexão sobre a importância das tão questionadas instituições de formação psicanalítica nas consequências que a estrutura paranoica do eu e o desconhecimento de suas identificações podem acarretar ao funcionamento dessas instituições. A questão da supervisão, em particular a de sua origem, também é abordada por Silvia Maria de Souza Levy e Maria Filomena Pinheiro Dias, cujo artigo atribui à correspondência de Freud endereçada a Fliess tanto uma função de construção teórica para o primeiro quanto o núcleo em que se estabeleceram as bases do acompanhamento por pares a que o psicanalista é levado a solicitar em decorrência de sua prática clínica.

Ao tomar a clínica psicanalítica com crianças à luz justamente de uma posição ética, Teresinha Costa e Joana Souza questionam a demanda de análise e retomam a centralidade do desejo do analista para os destinos que se deve dar a ela em virtude das solicitações cada vez mais recorrentes de pais que, tentando propiciar aos seus filhos inúmeras possibilidades de gozo, interrogam-se sobre a ausência de desejo que os acomete. Ainda na clínica, porém a da psicose, Denise Maurano inicia seu texto com uma questão que é pura afirmação, “O que será que me leva a estar aqui, diante desse papel vazio, senão a aflição do amor?”, e numa bela construção narrativa aborda os desdobramentos da transferência como um “drible de Tântatos” que permite ao sujeito construir uma saída para os impasses decorrentes de seu delírio.

Marco Antonio Coutinho Jorge, no intuito de mostrar que a noção laciana de estrutura clínica se encontra claramente delineada na obra de Freud, retraça os momentos fortes do percurso teórico do criador da psicanálise que permitem apreender o eixo principal de uma clínica que se constrói em três dimensões: neurose, perversão e psicose. De sua parte, Marlise Eugenie D'Icarahy se vale da especificidade dos conceitos de desejo e de sujeito no campo psicanalítico para investigar se este, em permanente mutação, conserva inalterado algum elemento de singularidade, a despeito de mudanças de posição ante a fantasia pela qual se estruturou.

Dito isso, quatro textos abordam o amor e suas ligações quer com a civilização e suas instituições, quer com a experiência psicanalítica. Ana Petros procura mostrar que o amor cumpre uma função radical relacionada à posição subjetiva inserida num determinado contexto histórico. Jean-Michel Vivès e Thierry Bisson se valem do amor cortês para elucidar como o analista deve aceitar e não responder à demanda de amor transferencial. Já Maria Fernanda Trigo Bumlai e Silvia Trigo Bumlai investigam a repercussão das formas amorosas hoje prevalentes no trabalho de análise, ao passo que Heloneida Neri reconstrói as tramas do discurso tecido por mulheres em situação de confinamento penal.

Assim, concluímos esse entrecruzamento linguageiro, conformado por diferentes temas, inflexões e nacionalidades, com o único texto ainda não mencionado, em que Paola Mieli se detém no ato entre línguas, para revelar a inconsistência da defesa generalizada de que uma análise deve ocorrer necessariamente na língua materna de quem a busca, uma vez que tal posição ignora justamente o que há de êx-timo no uso subjetivo da linguagem e de sua atualização no espaço transferencial. Numa análise, trata-se, como diz, de “um desejo, não nos esqueçamos, que é o da diferença pura”.

Altair José dos Santos
Marcela Toledo França de Almeida

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREUD, Sigmund

(1916) “Sobre a transitoriedade”. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1990.

(1927) “O futuro de uma ilusão”. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. XXI. Op. cit